

arqa

ARQUITECTURA E ARTE

Mar|Abr 2011 | €11,00

Experiências Participativas

Herzog & de Meuron • BIG
Dorte Mandrup • Karo* • AAA
raumlaborberlin • Recetas Urbanas
Inês Lobo • Louro + Prudêncio + Ferreira + João

EICHBAUMOPER

Aber Raum ist der von der Leine | Mit Zunge und so | Geht er los, wie eine Rakete |
Die Treppe hoch ins Zimmer | Ich denke noch, was ist hier los | Aber da war der Hamster schonst

Nuno Portas • Maria Manuel Oliveira • Malcolm Miles • Markus Miessen
Andres Lepik • Markus Bader • Santiago Cirugeda • Jonathan Hill



Architecture [IN] JOUTI Politics • Don't Trust Architects • A Rua é Nossa... de Todos Nós!
Price • Bourriaud • Teresa Carneiro • Super Nature • Dossier: Contentores • Connecting Stockholm

GONÇALO FURTADO | Professor Auxiliar na FAUP

1 - A engrenagem da sistémica, imagética e sócio-política

A promoção da participação em arquitectura relaciona-se intimamente com o indagar das noções de autoria e autoridade disciplinar. Estes aspectos remetem, entre outros, em outros momentos da história recente, para a oscilação arquitectónica dos anos 60, que reclamou flexibilidade espacial e ideológica. Entre as experiências projectuais então realizadas interessa-nos focar as influenciadas pelo pensamento sistémico (e suas ideias de organização, fluxo e possibilidades de *feed-back*) visando estratégias de indeterminação que absorvessem a incerteza do tempo e dos desejos individuais. Estas experiências adquiriram particular relevância contemporaneamente. E as notações gráficas que lhes estavam associados expressaram um desafio à representação em arquitectura - geralmente associada a projecções fixas de espaços estáticos para vidas definíveis - e um questionamento autoridade e status autoral do arquitecto moderno. No âmbito da engrenagem sistémica-imagética-sóciopolítica, para lá de prescrever que se determine mais ou que se indetermina, interessa reflectir sobre o significado de experiências que procuram lidar dinamicamente com a incerteza e participação.

2 - A suposta autoridade e status autoral do arquitecto conquistada pelos meios de representação

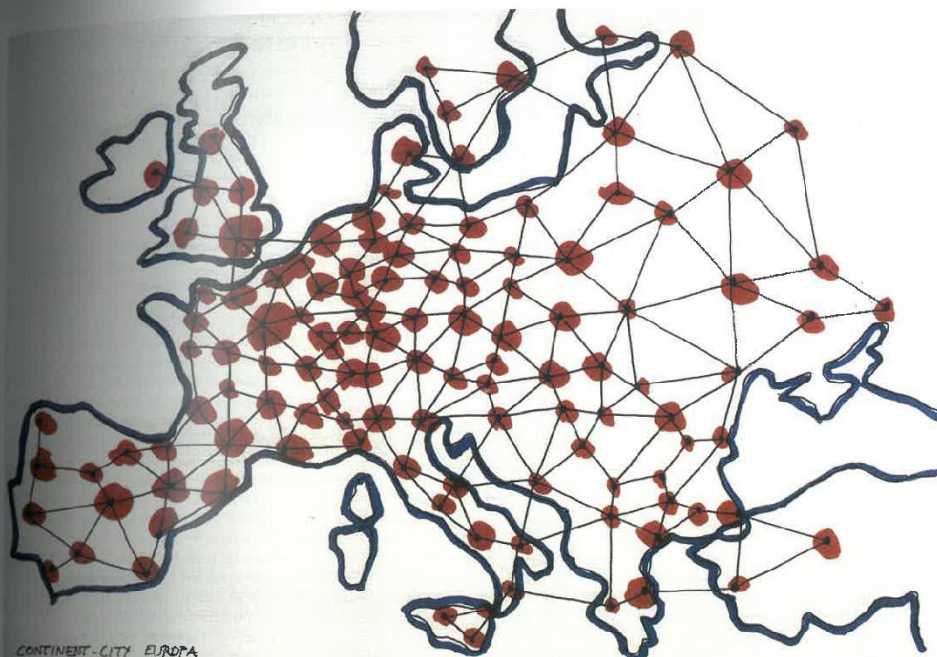
Jack Bowyer, em *History of Building*, de 1973, recorda-nos que o *status* (tal como o ensino e o método) "do projectista construtor" tem variado amplamente durante o curso da civilização ocidental". A construção da figura do arquitecto, passou historicamente pelo papel de um mestre, coordenador de obras, e paralelamente, pelo desenvolvimento de uma intimidade com a representação e desenho. Como alude Eduardo Córte-Real em *O Triunfo da Virtude*, de 2001, foi o domínio do desenho que assegurou ao arquitecto a definição de uma determinada especificidade e *status* na sociedade. Isto é, o "arquitecto" é ele próprio produto de uma história de relacionamentos entre o desenhar-projectar e construir.

Ainda hoje, a especificidade do arquitecto se contra muito na ideia de "projecto", lugar híbrido entre as artes e ciências. Tal é, de resto, o que paradoxalmente tem dificultado que o projecto seja merecidamente reconhecido como investigação na academia, a qual persiste em conferir exclusiva autoridade ao modelo dito "científico" (de objectivar verdades demonstráveis por experiências reprodutíveis, etc.). Jonathan Hill, na descrição do *design research seminar*, da Bartlett, de 2005, constatou precisamente essa dificuldade; e a das Universidades (onde recentemente começou a decorrer a formação do arquitecto) em entender o projecto como legítima investigação; sem no entanto deixar do aloritar que "entender investigação como novidade no projecto arquitectónico seria ignorar no entanto a história do arquitecto.". Vivia a ser nas ramificações de um arquitecto moderno surgido pelo domínio do desenho e que até recentemente encontrava num entendimento estrito de "representação" o suporte para um *status* associado às ideias de autoria-autoridade que, após a guerra, se desenvolviam algumas experiências inovadoras que podiam aboridar como base de reflexão. No fim dos anos 60, um conjunto de experiências influenciadas pelo pensamento sistémico e suas repercussões, ao nível da representação, vinham indagar progressiva e criticamente o poder autoral que o arquitecto creia poder deter.

3 - Pensamento sistémico e notações arquitectónicas dinâmicas

O pós-guerra comportou uma transformação nas condições de pensamento, programa, tipo de objectivação e representação. E, em consonância com esta, empreendeu-se no projecto de arquitectura um envolvimento com o pensamento sistémico, que é pouco conhecido. A história do pensamento sistémico remete para a necessidade de desenvolver toda uma filosofia que permitisse lidar com as "complexidades sistémicas" e incerteza associada (as primeiras aplicações bélicas visavam cartografar sistemas complexos em permanente reconfiguração). Um pensamento de "primeira ordem", desafiou a estabilidade da reprodutibilidade mecânica, visando organizar informação e controlar sistemas complexos (Wiener, etc.). Desenvolvimentos ocorreram em paralelo com a ansiedade do pós-guerra de renunciar determinismos positivistas e lidar com a complexidade da incerteza do mundo (McCulloch, etc.). Posteriormente, culminou-se num pensamento sistémico de "segunda ordem", expressando a consciência epistemológica da interferência observador-modelo representação concebido (Von Foerster, etc.) e de que este não corresponde estaticamente ao sistema que ambiciona cartografar-representar. A pertinência destas filosofias de "relacionamento" persiste hoje, quando estamos imersos num complexo de informação que se nos apresenta como mediação-representação do real.

Relativamente ao envolvimento da arquitectura com o pensamento sistémico, podemos aceder a momentos dessa história, recorrendo ao notável artigo "Programming the utopia of the present", de Ewan Branda. Branda identifica uma pioneira concepção do temporal na prática projectual dos Smithsons, a qual foi impulsionada pelo interesse destes no quotidiano e pela crença dos Team X numa "utopia do presente". O desenvolvimento de técnicas de notação-representação temporais (isto é, que contemplassem mais o tempo que o espaço, assim como a incerteza dos relacionamentos e opções individuais) é compreensível dado o desejo dos anos 50 num planeamento mais sensível à sociedade, por oposição à imposição *top-down* do moderno anterior. Era, no entanto, explícita a consonância desses desenvolvimentos com um clima marcado pela investigação em "sistemas" vinda da guerra (os *operational military systems*), que entendera homens e máquinas como sistemas de informação controláveis e que começara a contemplar teoricamente os actos de escolha-decisão perante a incerteza (ressalve-se romeadamente citações como a ideia de *software* por von Neumann e suas posteriores representações diagramáticas de ondas de informação; ou a ênfase de Wiener nos "fluxos" em prejuízo das estruturas estáticas). Progressivamente, toda a filosofia do pensamento sistémico quanto à complexidade e notação temporal da incerteza, acabaria por se aplicar nas mais variadas disciplinas. Na arquitectura, ressalta o desenvolvimento de notações para relacionamentos e movimentos pelos Smithsons. Os seus "ideogramas" visavam expressar graficamente ideias e configurações, mais do que formas. Esta busca de notações que contemplassem o temporal e a diversidade das opções individuais, reflectia a inversão de um planeamento moderno operado *top-down* para um planeamento que contemplasse a performance-vida social; e, como Branda descreve, coincidia com um clima marcado pelo desenvolvimento do pensamento sistémico. Persistia, no entanto, a uma restrição significativa, que Branda bem identifica: se o objectivo do projecto era a construção de



Yona Friedman, *Continent City: Europa* (arquivo: Yona Friedman)

uma espécie de *software* destinado a controlar os fluxos (o que coincidia com um tipo de planeamento que permitisse paradoxalmente a incerteza-indeterminação), os ideogramas dos Smithsons ainda vinham conceptualizados somaticamente; isto é, eram representações que acabavam literalmente transpostas para a construção como solução espacial.

A sua posterior "amplificação" só ocorreria na década de 60, segundo Branda, em trabalhos de Cedric Price ou Yona Friedman, que tendiam para uma certa desmaterialização do projecto, concentrando-se na especificação programática-performativa. Tal pode ser visto como também: uma Indagação crítica quanto ao status autoral do arquitecto e sobre-determinismo arquitectónico. Em determinado sentido, avançava-se para uma partilha da autoria, se não mesmo "morte do autor" (Barthes, etc.) e da autoridade que esses pressupunham.

4 - A contemplação da incerteza e a reconfiguração num projecto de "segunda ordem"

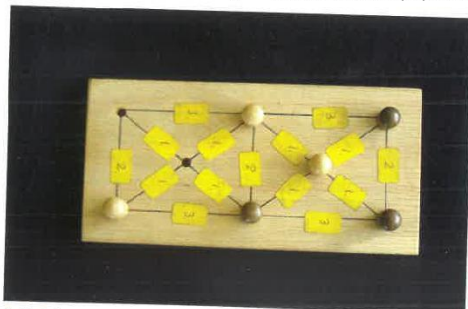
Nos anos 60, muitos arquitectos buscaram estratégias que assegurassem liberdade ao usuário (Bakema, Habraken, Alexander, etc); ainda que frequentemente continuassem a identificar ou estipular fortes "padrões", "suportes", etc.: a ideia de "flexibilidade" no discurso arquitectónico pode ser revista por exemplo em *Words and Buildings* de Adrian Forty). Cedric Price desenvolveu desde finais dos anos 50 um trabalho baseado na ideia de arquitectura flexível e aberta à imprevisibilidade do tempo. Price contribuiu para formalizar posturas urbanas como a de *no-plan* na revista *New Society*, de 1969, e desejava que os edifícios interactuassem com os desejos dos seus

usuários ao longo de um limitado prazo de vida. Produziu um conjunto de projectos arquitectónicos icónicos como o nunca construído *Fun Palace*, de 1958, que visava um anti-edifício mutante projectado com base em análises e notações de movimentos, opções e transformações. A necessidade de um sistema que regulasse tal mutação espacial, seria perseguido no projecto *Generator*, de 1976, que visava um equipamento cultural flexível regulado computacionalmente, em interacção com os usuários. Ambos os projectos requiriam conhecimento techno-científico *up-to-date*; mas Price primava por uma apropriação crítica expressa em "a tecnologia é a resposta mas qual foi a pergunta?" Por outro lado, a notação projectual de Price constitui uma expressão explícita da influência do pensamento sistémico (Pask e Frazer). Interessa-nos enfatizar que a prática projectual de Price opera com extrema síntese, suportada em representações diagramáticas que recordem a dinâmica das representações sistémicas ou de grafos; e que contemplem o temporal, a incerteza e a noção de sistema com os seus *feed-backs* da participação. As suas notações cartografavam as dimensões conceptuais-programáticas-performativas do projecto e orimam por uma ideia de experimentação-investigação. Constituem-se quase como esquemas-modelos de sistemas complexos (ou complexidades sistémicas); imbuído-se do temporal e contemplando a incerteza das opções individuais. No limite, poderíamos entendê-las como estruturas das condições de performatividade futura. Por essa razão, não era pressuposto que a materialização de tais representações na construção ocorresse por transposição directa da "forma" figurada-anotada. Price inclusive tinha consciência desta potencial confusão, evitando fornecer

imagens projectuais dos seus "anti-edifícios". Não porque não tivesse definido como seriam tecnicamente construídos, mas porque qualquer resultado-real seria formalmente distinto da figura do modelo-notação de projecto e, o que figurasse numa imagem, seria apenas uma espécie congelada de uma possibilidade do edifício. Mais do que isso, parece-nos plausível identificar na heterogénica complexidade do pensamento e notação de Price o prognóstico operado desde o mundo da arquitectura, de um pensamento sistémico de segunda ordem e de que o modelo-notação não coincide com o sistema, sendo igualmente expressão de quem o concebe. Na abordagem projectual de Price é interessante, por exemplo, identificar-se uma gama de temporalidades; e, por vezes, o facto dos modelos-registo desejarem reformulação com os usuários-usos. Relativamente a este aspecto, é de esclarecer que esta experimentação é distinta de outros envolvimentos com o pensamento sistémico, os quais, embora visando conferir liberdade do usuário, frequentemente mantinham a "estrutura" da interactividade mais definida. Por outro lado, também interessa clarificar que o relacionamento arquitectónico com a teoria dos sistemas, teve várias expressões, sendo reconhecíveis várias linhas de investigação e protagonistas. Essas vão da concepção estrutural e "sinérgica" de Fuller, à simulação das configurações urbanísticas por Hillier e à performance de infra-estruturas e construções por outros investigadores; da "maquinização" do projecto por Negroponte à metodologia projectual por "suportes" e "padrões" de Alexander e Turner, trataram-se de casos com perfis distintos, mas em comum relevantes. Privilegiamos aqui um entendimento lato da sistémica, nomeadamente de pioneiros imaginários críticos que identificaram estrategicamente o temporal e que experimentaram dinâmicas de indeterminação com vista a lidar com a incerteza do tempo e da participação.

5 - Cedric Price e o indagar de convenções pela "representação"

A nosso ver, práticas projectuais como as de Price têm especial significado, porque enfatizam uma ideia de arquitectura como "investigação" (mais do que mero *problem-solving*) que interessa ressaltar. Por outro lado, era o seu processo projectual, baseado em notações sistémicas e de grafos, que permitia



Cedric Price, Jogo de inspiração do projecto Generator (arquivo John e Julia Frazer)

privilegiar aspectos como os aludidos. Apesar de raramente estas práticas terem resultado em construções, ela é importante por terem problematizado convenções por via da representação: tanto no que respeita à dialética representação projectual-construção ao próprio status institucional do arquitecto. No pensamento projectual Priceano identificamos uma recusa de constrangimentos espaciais, singularidades funcionais, parâmetros permanentes e imposições sociais. Privilegia-se o tempo e habitantes sobre o espaço estético, assumindo a presença contínua desses "outros", desoio o processo projectual ao uso do edifício; e, contemplando uma indeterminação dinâmica que permita lidar com a incerteza na complexidade. Paralelamente, Price expressa uma crítica institucional, que problematizou certos preceitos projectuais (de sobreracionalização do espaço, de condicionamento temporal na linearidade do progresso, de determinismo social, etc), e que renunciou a figura de um arquitecto que "modernamente" ainda acreditava que, representando em formas as funções-necessidades a satisfazer, conseguia assegurar o ideal de igualdade social. Os desenhos visionários de Price mais do que antecipar o edifício concebiam a sua mais ampla potencial performatividade. A sua "revolução" não era pois tanto optimisticamente conquistar para construção arquitectónica uma idealização social, mas nas condições muito específicas dos anos 50-60 (em que, para além do problema de classes, se começava então também a ferir a própria liberdade individual numa sociedade homogenizada pelo consumo e "estilos internacionais") exponenciar o papel do indivíduo participante repensando humildemente o papel-determinismo da sua própria comunidade profissional. Poder-se-ia mesmo dizer que, nesse sentido, os seus desenhos remetem algo para os "diagramas" contemporâneos, os quais, tomando a abordagem de Deleuze e Guattari em *Mil Plateaus*, não são abstractos ou figurativos: "o diagramático ou máquina abstracta não funciona para representar, inclusive algo real, mas antes constrói um real que ainda está para vir, um novo tipo de realidade". O interesse pelo diagrama, de resto, advém precisamente deste paradoxo, que Mark Cousins identificou: "não como uma hostilidade à representação". Continua a representar-se sem representação.

Ainda a outro nível, identifica-se que os edifícios projectados por Price, em prol de uma anti-monumentalidade, são abertos formal, estética e programaticamente ao uso-usuário. No entanto, ressalva-se tratar-se de uma "abertura" (ou indeterminação dinâmica), que é distinta da permissividade de muitos espaços pós-modernos para a actual performance tardo-capitalista, dado que as condições de performatividade se estabelecem directamente na articulação arquitecto-modelo-usuário. Sumariamente, poderíamos dizer que eles contemplam uma ideia de "usuário criativo" ou no mínimo "reactivo", no sentido da reflexão de Jonathan Hill na *Urban Studies*, o qual enfatiza que "a contemplação de diferentes correntes de usuário altera o conceito de autoridade da arquitectura e afecta o espaço desenhado pelos arquitectos."

Por último, existe ainda, nas posturas de Price, uma problematização da arquitectura enquanto prática discursiva assim como convenções institucionais de autoridade e autoria operacionalizadas desde a representação. Este trabalho *time-based*, que em muito reflecte uma epistemologia de "segunda ordem", dinamiza uma indeterminação no projecto, que problematiza naturezas sobreprescriptivas e reproduzidas do projecto. Obviamente que se a "autoria"

Em conjunto, estas e outras investigações problematizam as convencionais abordagens deterministas ou formalmente sobredeterminadas, pautadas por um entendimento do que é participar, conhecer, comunicar, progresso techno-científico e social. Dito resumidamente, operar um debate na arquitectura baseado nos temas aflorados, mais que prescrições imediatas para o projecto, permite que esta reflecta sobre uma oscilação de paradigma cultural mais ampla.

pode hoje também ser entendida como forma de resistir ao relativismo global contemporâneo, mas ver as experiências citadas no contexto em que surgem e naquilo que nos propõem problematizar. Nesse sentido, interessaria, mais que prescrevê-las, salientar o seu valor enquanto experiências de "investigação" disciplinar indagantes. Parece que a prática do projecto na contemporaneidade raramente opta por operar como "investigação" (experimentando por exemplo na perspectiva de *system-research*, a qual, se parece mais instrumentalizável que outras perspectivas, fomenta *behaviours* muito pouco instrumentalizáveis) e porque tal serviria pior os pragmatismos da indústria de construção actual. Para melhor o servir, o projecto opera frequentemente como mero *problem-solving*, que dificilmente consegue questionar ou deixar de reproduzir o já pré-inscrito. (O pré-inscrito não só nas encomendas que raramente são feitas pelos usuários finais, como nos métodos e instrumentos difundidos, nas organizações mais correntes das práticas profissionais, etc.). A própria sobre-autoria e a autoridade baseada no determinável pela "boa-arte", tenhamos consciência, não se encontra excluída de poder ser inserível dentro da mesma lógica ou de poder estar a servir os mesmos fins. Para quem vê o espaço construído como devendo ser mais que um resultado-reprodução dessas exterioridades já escritas, obras como esta que procuram lidar com a indeterminação, mais que relativistas surgem vistas como mais uma experiência indagante da linearidade histórica que nos informa e de reconhecimento de todos esses "outros" (tempo, usuário, etc) que foram sendo remetidos para as margens de uma identidade disciplinar que tomamos como dado adquirido.

8 - Determinismo a-linear e práticas discursivas

Por último, tem sentido constatar a existência actual de investigação arquitectónica que privilegia aspectos herdados da tentativa dos anos 60 de contemplar o tempo e a indeterminação dinâmica no projecto (persuadindo não pré-definir a interação espaço-usuário, etc). Consta-se uma conexão com o discurso científico das complexidades sistémicas (i.e. com a inicial mecânica quântica e termodinâmica e com os sistemas catastróficos, caóticos, fractais, *non-equilibrium*, etc). No domínio da teoria, por exemplo, temos como sistema, complexidade, emergência, entropia, catástrofe, caos, fractal etc. proliferam em textos de autores como Jencks, DeLanda, Balmond. Jencks refere-se, na *Architectural Design*, ao modo como a ciência da complexidade está a alterar a arquitectura e a cultura, dando origem a uma "arquitectura a-linear". Nesses sistemas, "emergem com maior espontaneidade qualidades, o significado, valor, abertura, os padrões de fractais, a formação dos atractores, e, frequentemente, uma exponencial complexidade". Ainda que não nos pareça que se deva tomar o advinho dessa organicidade como um *per se*, certo é que o sistema-arquitectura deve indagar sobre modos de lidar com as complexidades de um mundo contemporâneo que é o seu.

Noutro domínio específico, o do projecto, a influência do pensamento das novas "complexidades sistémicas" e da "emergência", verifica-se por exemplo experimentações paramétricas e generativas apoiadas computacionalmente em prol de visualidades topológicas, por vezes dotadas de capacidades de emergência e auto-organização. No domínio da construção, a influência verifica-se em investigações dos espaços evolucionários que suceram a ideia de edifício inteligente, assim como em toda uma nova filosofia que pondera

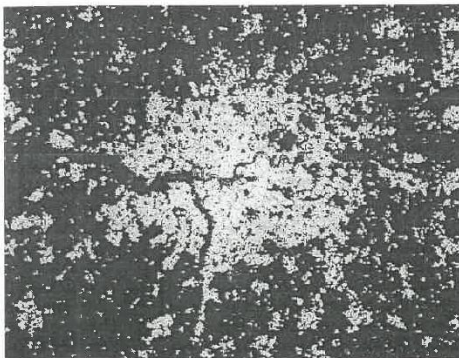


Imagem Cidade Fractal

o relacionamento entre sociedade e ambiente como algo mais interactivo e evolucionário (Weinsrock, Hensel, Frazer, etc). Em conjunto, estas e outras investigações problematizam as convencionais abordagens deterministas ou formalmente sobredeterminadas, pautadas por um entendimento do que é participar, conhecer, comunicar, progresso techno-científico e social. Dito resumidamente, operar um debate na arquitectura baseado nos temas aflorados, mais que prescrições imediatas para o projecto, permite que esta reflecta sobre uma oscilação de paradigma cultural mais ampla. Esse parcos requer a integração estratégica da "indeterminação" e uma procura de lidar com a complexidade enquanto dinâmica sistémica, em que continuamente ocorrem formações só provisoriamente estáveis, acumulações de flutuações, mudanças súbitas e auto-organizações. Tal contribui com a reflexão sobre o arquitecto visto como observador-objektivador do sistema-arquitectura, (consciencializando a sua inserção no próprio modelo-observação-representação), e muitos outros aspectos como o habitante que se quer participante. A nosso ver, experimentações menos conhecidas, como a de Cedric Price, são contributos parciais para um debate que se quer multiplicado em pontos de vista, com vista a complexificar o óbvio que tomamos por dado adquirido. Ponto de vista baseado em reconfigurações da história recente e teorização do contemporâneo. Recordando a exposição Foucaultiana em *Archeology of knowledge* sobre práticas discursivas, não se esquece que o "arquivo" é ele próprio representação, do nosso conhecimento e do processo de formação desse. Por isso frequentemente precede a nossa descrição. O que necessitaríamos então desde logo seriam "outras" histórias, histórias quanto a prática do projecto de arquitectura e processos representacionais, etc, reposicionando um debate com que reincidentemente a Arquitectura se deparou ao longo do século, isto é, qual o propósito da Arquitectura e quais as formas de desempenhar um papel e estabelecer um relacionamento com a sociedade a cada momento? ■